

À BUSCA DO LETRAMENTO CRÍTICO: AS TAREFAS CRÍTICAS COMO SUGESTÃO EM ATIVIDADES DE LEITURA.

Geraldo Emanuel de Abreu-Silva

UFMG (CAPES)

Resumo

A busca pela melhoria da competência leitora, ao longo do tempo, tornou-se objetivo no ensino do Brasil, isso influencia diversos estudos com foco em aportar metodologias e perspectivas teóricas que ofereçam caminho mais profícuos no que tange ao ensino de leitura. Essas perspectivas transitaram, ao longo de décadas, modelos instrumentais com foco na decodificação, até chegamos às teorias com foco no caráter social das práticas leitoras. Em vista disso, este trabalho aborda a Letramento Crítico enquanto perspectiva de ensino de leitura que se apresenta como um caminho viável para buscarmos, enquanto professores, desenvolver a criticidade em salas de aula e, conseqüentemente, a formação social e crítica dos alunos. No entanto, o termo Letramento Crítico ainda aparece como um conceito abstrato para alguns professores que apresentam dificuldades em aplicar suas premissas em atividades de leitura. Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica, apresentamos as bases do que concebemos como LC e, ademais, sustentamos que seu desenvolvimento em sala de aula pode dar-se a partir de um trabalho com foco em tarefas críticas, a serem alcançadas durante e após a leitura. Ademais, afirmamos que a elaboração de atividades com foco nessas tarefas críticas apresentam-se como ferramentas mais eficazes para o alcance da criticidade. Acreditamos que esta proposta possa contribuir no momento da elaboração de materiais voltados para a leitura e também ser o estopim para que outras propostas venham à luz.

Palavras-chave: Letramento Crítico; Criticidade; Leitura; Tarefas Críticas.

Comentários iniciais.

Este artigo é um recorte do trabalho de dissertação do autor (ABREU-SILVA, 2018) e faz parte de um estudo mais amplo cujo foco é o desenvolvimento da capacidade leitora baseada em perspectivas críticas para a construção de significados, para tanto estuda-se o Letramento Crítico (LC) que, para os efeitos da pesquisa em tela, é o ponto de chegada de leituras bem-sucedidas que são elaboradas após o uso concomitante de distintas dimensões do conhecimentos, por exemplo os conhecimentos socioculturais, expectativas de mundo dos leitores, conhecimentos léxico-linguísticos, construção das inferências etc. (ABREU-SILVA, 2018).

Neste trabalho, buscamos oferecer um panorama sobre o conceito de LC que, ao longo do tempo, acabou distanciando-se dos professores em suas práticas reais em sala de aula devido à linguagem hermética sob a qual os estudiosos da área abordam o tema ou, até mesmo, devido a que esses partem do pressuposto de que os docentes já têm conhecimento sobre o termo. Para tanto, aqui elabora-se uma revisão sobre o termo e suas origens (SOARES, 1998; 2003; CERVETTI, PARDALES E DAMICO, 2001; KLEIMAN, 2008; ZAVALA, 2008; COSTA, 2011; 2012, dentre outros), sobre a relação do Crítico com o ensino (CASSANY, 2006; 2009) e a junção desses dois termos, o Letramento Crítico.

Este artigo divide-se em quatro partes maiores subdivididas em subseções, sendo a primeira denominada *O que é Letramento* na qual abarcamos as origens do termos e sua chegada ao Brasil e adaptação para a realidade do país. A segunda parte, *Surgimento do Letramento Crítico*, se debruça sobre a junção entre os estudos críticos e o Letramento, apresentando um panorama sobre a importância dos estudos da Escola de Frankfurt, do trabalho de Paulo Freire e da Análise Crítica do Discurso para o que compreendemos como Letramento Crítico. A terceira parte abarca o *Letramento Crítico* em sua forma de aplicação em atividades a partir do que denomino tarefas críticas com base no trabalho de Cassany (2006), apresentando suas premissas e objetivos para desenvolver níveis mais sofisticados de leitura. Por fim, apresentamos os comentários finais, os quais são apontam para a necessidade de ampliação das discussões apresentadas ao longo do artigo e para a abertura de novas portas que abram caminho para a aplicação das premissas apresentas neste trabalho.

O que é letramento?

Para compreender o uso do termo no Brasil, é necessário estabelecer um breve histórico sobre seu surgimento, a partir do qual podemos apontar que ele foi adaptado ao português brasileiro vindo do inglês *literacy*. Inicialmente, era utilizado para definir as habilidades de ler e escrever um texto e estava mais relacionado à capacidade de executar a relação letra-som, o que em português conhecemos como a **alfabetização** ou o ato de **alfabetizar**, ou seja, aquele que não adquire tais habilidades não “possuiria o **letramento**”¹ (era iletrado). No Brasil, quem não as tem é denominado analfabeto e está

¹ Utilizo aspas para denotar a ideia de que o letramento poderia ser “dado” para a posse de outras pessoas será refutada por outros autores, ou seja, falar em dar e possuí-lo torna-se uma referência inexata com o desenvolvimento de seus estudos, como veremos mais adiante.

condenado a carregar o peso de todas as injustiças históricas e sociais que o termo acarreta. A professora Magda Soares (1998), destaca que, em 1958, a UNESCO já buscava definir o que viria a ser um sujeito letrado ou iletrado. Nas palavras da autora:

[...] as definições de letrado e iletrado apresentadas pela UNESCO em 1958, com o propósito de padronização internacional das estatísticas em educação, são uma tentativa de fazer tal distinção: É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana (UNESCO, 1985, p.4, apud SOARES, 1998, p.71)

Como é sabido, os países desenvolvidos como Estados Unidos, Inglaterra, Austrália e França (*illettrisme* para esse último), devido a suas políticas de universalização do ensino, têm um número muito baixo de pessoas que não possuem as habilidades para ler e escrever um texto (analfabetas), ou seja, em teoria, segundo a definição da UNESCO, sua população é composta por sujeitos letrados (ou alfabetizados, utilizando o termo brasileiro).

No entanto, a partir das décadas de 1980 e 1990 o mundo testemunhou o crescimento tecnológico e da internet e, como consequência, a democratização de informações e conhecimentos de toda sorte, além da globalização que reduziu as fronteiras entre distintas culturas, isso revelou “a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” (SOARES, 2003, p.6). Naqueles países recém citados, pesquisadores e estudiosos da linguagem começaram a questionar problemas no sistema de educação referentes à capacidade de interpretação textual de seus estudantes, em resumo: todos eram capazes de ler textos ou, pelo menos, identificar todo o código escrito, porém nem todos eram capazes de compreendê-los e fazer uso social deles, assim começava a ser necessário abordar o letramento de forma que fomentasse leituras que fossem além de decodificar, que tivesse o fim máximo de contribuir para a melhoria da sociedade, que gerasse discussões e questionamentos de cunho social e reflexivo, que percebesse as várias culturas, os contextos, a necessidade das comunidades, as diferenças históricas e geográficas, bem como questões ideológicas, políticas etc., portanto, o letramento além de englobar a alfabetização como a conhecemos no Brasil, também deveria envolver a apropriação das pessoas do ler e do escrever para atuar em sociedade, com base nisso Soares (1998, p. 66) destaca que “o letramento cobre

uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”.

Em vista do que foi dito, o letramento trata-se de uma perspectiva muito mais abrangente do que alfabetizar e tornar uma pessoa alfabetizada, já que engloba, além das tecnologias de leitura e escrita, o resultado social da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever (SOARES, 2003). Distintos autores se debruçam sobre o letramento devido a relevância que adquiriu para o ensino, Cervetti, Pardales e Damico (2001) o definem como sendo a busca de mudança social e a inclusão de grupos marginalizados; Kleiman (2008, p. 489) o entende como “o estudo das práticas relacionadas com a escrita [e leitura] em toda atividade da vida social”; para Gee (2004, p. 24), ele é

[...] como um conjunto de práticas discursivas, quer dizer, como formas de usar a língua e outorgar sentido tanto na fala como na escritura. Estas práticas discursivas estão ligadas a visões do mundo específicas (crenças e valores) de determinados grupos sociais ou culturais. Estas práticas discursivas estão integralmente conectadas com a identidade ou consciência da si mesma das pessoas que as praticam; uma mudança nas práticas discursivas é uma mudança de identidade.²

Para Zavala (2008), ele é um conjunto de práticas sociais que se associam a um contexto institucional específico (escola, igreja, trabalho, família etc.), essas práticas envolvem crenças, valores, ideologias, intenções, estratégias, relações interpessoais etc., assim, “é nesse sentido que podemos falar da existência de **múltiplos letramentos**, cada um dos quais contaria com maneiras de ler e escrever específicas” (Zavala, 2008, p. 27, destaque nosso)³. O conceito de letramentos (no plural) é reforçado por Kleiman (2008) ao defender que o letramento se dá sob uma concepção pluralista e multicultural de leitura e escrita.

Cassany e Castellà (2009, p. 354) elaboram uma definição bastante abrangente sobre o termo que acreditamos elucidar o que o letramento cobre em seus estudos e objetivos

² Tradução nossa. Original: “[...] como un conjunto de prácticas discursivas, es decir, como formas de usar la lengua y otorgar sentido tanto en el habla como en la escritura. Estas prácticas discursivas están ligadas a visiones del mundo específicas (creencias y valores) de determinados grupos sociales o culturales. Estas prácticas discursivas están integralmente conectadas con la identidad o consciencia de sí misma de la gente que las practica; un cambio en las prácticas discursivas es un cambio de identidad”.

³ Tradução nossa. Original: “es en ese sentido que podemos hablar de la existencia de múltiples literacidades, cada una de las cuales contaría con maneras de leer y escribir específicas”

O conceito de letramento (*literacy* em inglês) inclui um amplo leque de conhecimentos, práticas sociais, valores e atitudes relacionados com o uso social dos textos escritos em cada comunidade. De fato, o letramento inclui o domínio e o uso do código escrito, a construção receptiva e produtiva de textos, o conhecimento e uso das funções e os propósitos dos diferentes gêneros discursivos de cada âmbito social, os papéis que adotam o leitor e o autor, os valores sociais associados com estes papéis (identidade, status, posição social), o conhecimento que se constrói nestes textos e que circula na comunidade, a representação do mundo que transmitem etc.⁴

Com base no excerto anterior, vemos que, segundo os autores, o letramento é uma perspectiva teórica de ensino que se preocupa tanto com a leitura no sentido mais tradicional, ao observar o ensino das relações letra-som, com os processos mentais envolvidos para a execução da leitura e as consequências sociais e culturais do ato de ler e escrever, é, portanto, mais abrangente que o termo alfabetização, porém sem ainda explorar a criticidade na prática leitora.

O Letramento enquanto prática cotidiana e enquanto prática escolar

Nesta seção, acreditamos ser necessário apresentar, brevemente, a diferença entre o Letramento enquanto conjunto de práticas sociais e o Letramento enquanto prática escolar. Antes de tudo, destacamos que o termo Letramento é por si, como já dito, social e, como destacam Street (2003) e Costa (2012), está carregado de ideologias, logo tanto a prática letrada cotidiana quanto a escolar fazem parte do mesmo princípio: **todos os Letramentos são sociais**. O que os diferencia é a forma de relação que se fará com as práticas de leitura e escrita.

Enquanto prática cotidiana, o termo remete à forma como as pessoas se relacionam no dia a dia com atividades que demandam o uso de habilidades escritas e leitoras nos mais distintos âmbitos sociais, por exemplo, repassar uma lista de compras no supermercado, interpretar uma receita médica junto a um farmacêutico, ler uma placa de

⁴ El concepto literacidad (literacy en inglés) incluye un amplio abanico de conocimientos, prácticas sociales, valores y actitudes relacionados con el uso social de los textos escritos en cada comunidad. En concreto, la literacidad incluye el dominio y el uso del código alfabético, la construcción receptiva y productiva de textos, el conocimiento y el uso de las funciones y los propósitos de los diferentes géneros discursivos de cada ámbito social, los roles que adoptan el lector y el autor, los valores sociales asociados con estos roles (identidad, estatus, posición social), el conocimiento que se construye en estos textos y que circula en la comunidad, la representación del mundo que transmiten, etc.

trânsito, folhear um livro em uma biblioteca, buscar termos específicos na internet etc. são práticas letradas do cotidiano. Reparemos que todas as situações têm propósitos sociais específicos e exigem relações, pessoais e interpessoais, diretas com essas habilidades que, ao seu turno, cumprem papéis específicos para alcançar determinado objetivo. Portanto, o termo no plural ganha mais sentido, visto que quanto mais variadas sejam as situações rotineiras ou as necessidades de cada comunidade que demandem a relação com as práticas de leitura e escrita, mais diversos serão os tipos de letramentos sociais que se executarão.

Por outro lado, o Letramento enquanto prática escolar remete diretamente às formas sociais com quais alunos e professores se relacionam com os textos e seus temas, ou seja, está ligado diretamente às práticas didáticas. Ele se desenvolve no âmbito do ensino e aprendizado, no entanto suas consequências serão percebidas na sociedade como um todo, pois a utilização das habilidades de leitura e escrita é feita de maneira crítica, autônoma e proativa de forma a promover questionamentos sociais e com o fim máximo de fomentar mudanças e melhorias para as comunidades dos leitores. Assim, o letramento escolar também é uma prática social, porém se manifesta e se desenvolve a partir das relações entre alunos, professores e Escola com os textos e temas trabalhados na esfera do ensino. Ademais, possui caráter fortemente crítico e transformador e não apenas serve para cumprir tarefas escolares e/ou cotidianas.

Surgimento do letramento crítico

Como destacado, com o passar das décadas e com a evolução dos estudos sobre o letramento e o advento da democratização tecnológica, viu-se que o letramento deve abarcar mais do que a simples leitura dos textos para cumprir propósitos sociais, torna-se necessário que as pessoas se posicionem criticamente sobre suas comunidades, ofereçam possíveis soluções para problemas sociais e percebam o caráter ideológico e social das práticas escritas e leitoras. Assim, o letramento se funde aos princípios de criticidade através de, principalmente, três fundamentos: os estudos críticos da escola de Frankfurt, o trabalho do brasileiro Paulo Freire e a Análise Crítica do Discurso. A seguir, abordamos de maneira panorâmica esses três fundamentos para, posteriormente, entendermos de forma mais clara o que vem a ser o Letramento Crítico.

Os pensamentos da Escola de Frankfurt, de Paulo Freire e da ACD.

Os pensamentos desenvolvidos pelos estudiosos da Escola de Frankfurt são raízes da criticidade, a partir dos estudos de Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse e seus seguidores, como Jürgen Habermas, vieram à luz os questionamentos e reflexões sobre a sociedade e a ordem que a organiza, elaborando, assim, “a teoria crítica da sociedade” que renega completamente os estudos que se dizem neutros sobre a sociedade. Essa teoria crítica descansa sobre um pilar primordial que “refuta a aceitação abnegada do mundo tal como ele é, com suas desigualdades e injustiças, com a dominação de umas classes sobre outras” (CASSANY, 2006, p. 66)⁵.

Para os frankfurtianos, a ordem vigente no mundo não é natural, pelo contrário, ela tem origens históricas e sociais que a explicam e quando compreendidas podem possibilitar a construção de um mundo mais justo entre todos e também permite “desmascarar as injustiças” (CASSANY, 2006, p.66)⁶. As teorias da Escola também propõem utilizar a ciência a favor da vida cotidiana, assim buscando respostas para as necessidades da sociedade (Cassany, 2006). O fim maior das teorias deve ser a promoção do desenvolvimento da consciência crítica das pessoas para oferecer alternativas de justiça e igualdade entre todos. Para Cervetti, Pardales e Damico (2001), havia o desejo de fomentar um mundo mais justo, questionando as desigualdades e injustiças por meio da criticidade e, em parte, isso poderia ser feito pela linguagem e desenvolver esse questionamento poderia, segundo Cassany (2006, p.357), instaurar “uma atividade de revisão, discussão e reformulação das situações sociais, aceitas frequentemente de maneira muito irreflexiva”⁷.

Para Cassany (2006) Cassany e Castellà (2009), Cervetti, Pardales e Damico (2001), Luke (2002), o trabalho de Paulo Freire é, também, uma das origens do Letramento Crítico, através de sua Pedagogia Crítica, os princípios da criticidade se mesclam definitivamente à educação, passa-se a questionar o caráter positivista e cientificista do ensino e a fomentar sua obrigação em emancipar os estudantes através do engajamento

⁵ Tradução nossa. Original: “rechaza la aceptación abnegada del mundo tal cual es, con sus desigualdades e injusticias, con la dominación de unas clases sobre otras”

⁶ Tradução nossa. Original: “desenmascarar las injusticias”

⁷ Tradução nossa. Original: “una actitud de revisión, discusión y reformulación de las situaciones sociales, aceptadas comúnmente de manera demasiado irreflexiva”.

social e político, ademais não deve-se desconsiderar o *continuum* educação-política, política educação. Cassany (2006, p. 68) aponta que o trabalho do brasileiro

[...] refuta a educação que busca o domínio técnico e a eficácia, que desvincula o ato de ler da realidade sociopolítica do sujeito. Ler não é uma destreza cognitiva independente de pessoas e contextos, mas sim uma ferramenta para atuar em sociedade, um instrumento para melhorar as condições de vida do aprendiz⁸.

Assim, o ato de ensinar deve tornar-se mais comprometido em combater as desigualdades da sociedade através da busca por desenvolver a consciência crítica dos aprendizes. Para Cervetti, Pardales e Damico (2001, p. 7), “sob a consciência crítica, estudantes leem textos (e o mundo) criticamente, e então se movem além da leitura crítica dos textos e se tornam atores contra situações de opressão”⁹. Assim, os estudantes podem tornar-se mais críticos em relação a sua própria situação e dos outros ao seu redor, ademais passariam a entender como a sociedade usa textos e discursos para manter as relações de poder, identitárias, culturais, raciais, de gênero, financeiras etc. Alla Luke (2002) afirma que as reflexões críticas do trabalho de Freire nos deixou bons legados quando foi utilizado em projetos educacionais nas décadas de 1970 e 1980, entre esses legados está a crítica às políticas econômicas, às propagandas e ideologias veiculadas pelas grandes mídias, o engajamento em lutas contra repressão sexual, opressão política, étnico-culturais e à luta contra marginalização. Por fim, Cervetti, Pardales e Damico (2001) apontam que a teoria crítica da sociedade e a pedagogia de Paulo Freire se complementam, pois envolvem preocupações com a justiça e a igualdade, além de promover a consciência crítica sobre textos e discursos como sendo um dos mecanismos para a mudança social.

Outro braço do Letramento Crítico é a Análise Crítica do Discurso (ACD), segundo Magalhães (2001) a ACD tem origens nas teorias da análise textual, porém, não em um sentido estrutural, mas sim estudando textos enquanto práticas sociais que utilizam os discursos para representação e significação do mundo, “constituindo e ajudando a construir identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crenças”

⁸ Tradução nossa. Original: “[...] rechaza la educación que busca el dominio técnico y la eficacia, que desvincula el acto de leer de la realidad sociopolítica del sujeto. Leer no es una destreza cognitiva independiente de personas y contextos, sino una herramienta para actuar en la sociedad, un instrumento para mejorar las condiciones de vida del aprendiz”.

⁹ Tradução nossa. Original: “In critical consciousness, students read texts (and the world) critically, and they move beyond critical readings of texts to become actors against oppressive situations.

(op. cit., p.25). É justamente a origem na análise textual somada aos estudos críticos que permite à ACD apresentar-se “tanto como teoria quanto como método de análise de práticas sociais” (op. cit., p.26) a partir de textos.

A autora reitera que esse é o grande “diferencial em relação as pesquisas sociais críticas” (op. cit., p.26). Cassany e Castellà (2009, p. 359) reforçam que a ACD vai muito além de propor a simples análise de textos, ela sustenta que se deve utilizar “a teoria linguística para analisar os discursos dos grupos dominantes e contribuir, assim, para desmascarar as desigualdades de determinadas situações”¹⁰. Logo, “a ACD é assim uma pesquisa que tenta contribuir para dotar de poder os que carecem dele, com o fim de ampliar o marco de justiça e de igualdade sociais” (van Dijk, 1999, p.24)¹¹.

Para a ACD, as relações sociais e de poder são permeadas, construídas e mantidas por e através de discursos, assim sendo, o discurso, por estar carregado de ideologias, pode ser usado como instrumento de subjugação ou de libertação, dependendo da relação e intenções do enunciador e do receptor. Assim, o analista crítico do discurso tem como objetivo mostrar como o poder se expressa no discurso para manter as estruturas sociais vigentes. Para Cassany e Castellà (2009, p. 85), “ao analisar os discursos e mostrar que se tratam de pontos de vista enviesados e pessoais, a ACD aspira a reduzir as injustiças sociais e a melhorar as comunidades”¹², aspirações coincidentes com as da Escola de Frankfurt e Paulo Freire. Outra característica da ACD é que ela não acredita que há discurso neutro e nem que reflita a realidade de modo objetivo, “já que por trás há um enunciador situado em um lugar e um momento concreto, o discurso só poderá refletir a percepção que tem este sujeito da realidade” (Cassany, 2006, p. 86)¹³, pois o discurso está imbricado com as intenções, valores, crenças e atitudes dos indivíduos, ademais “refletem a ordem social estabelecida, as relações de dominação, as injustiças e as opressões”

¹⁰ Tradução nossa. Original: “la teoría lingüística para analizar los discursos de los grupos dominantes y contribuir así a desenmascarar las iniquidades de determinadas situaciones”

¹¹ Tradução nossa. Original: “el ACD es así una investigación que intenta contribuir a dotar de poder a quienes carecen de él, con el fin de ampliar el marco de la justicia y de la igualdad sociales”

¹² Tradução nossa. Original: “Al analizar dichos discursos y mostrar que se trata de puntos de vista sesgados y personales, el ACD aspira a reducir las injusticias sociales y a mejorar las comunidades”

¹³ Tradução nossa. Original: “puesto que detrás hay un enunciador situado en un lugar y un momento concreto, el discurso solo puede reflejar la percepción que tiene este sujeto de la realidad”

(Cassany, op. cit.)¹⁴. Em resumo a ACD, busca analisar os aspectos discursivos que permeiam as relações de poder e propor melhorias para as debilidades encontradas.

O Letramento Crítico

As teorias mencionadas tornam-se os fundamentos do que concebemos como o Letramento Crítico e afiliar-se a essa perspectiva implica alcançar níveis mais altos da compreensão leitora e escrita compreendendo que todo texto tem caráter cultural e ideológico, que não há verdades absolutas, que toda organização de poder é transmitida por discursos e que o

significado do texto é entendido no contexto das relações sociais, históricas e de poder, não apenas como produto ou intenção de um autor. Além disso, a leitura é um modo de conhecer o mundo (assim como a palavra) e um meio para a transformação social. (CERVETTI, PARDALES e DAMICO, 2001, p. 6)¹⁵

Ler sob a ótica do letramento crítico é refletir com o fim de compreender as relações de gênero, raça, sexo, classe social que são impostas através de publicidades, livros didáticos, jornais, sites, panfletos, cultos religiosos, discursos políticos, transmissão de ideologias entre familiares etc. e também que

[...] o conhecimento não é natural nem neutro, baseia-se nas regras discursivas de cada comunidade; as decisões acerca da verdade são construídas num contexto localizado; os significados dos textos são sempre múltiplos, construídos cultural e historicamente, segundo relações de poder. (COSTA, 2011, p.71)

Portanto, professores devem guiar o aprendiz para desenvolver suas percepções a partir dessas premissas e posicionar-se criticamente sobre os temas estudados para compreender de maneira efetiva um texto. Como destacam Cassany e Castellà (2009, p. 91) “por esta razão, a educação se encaminha para desenvolver a consciência crítica do leitor para que avalie se está ou não de acordo com as representações e com a distribuição de poder estabelecidas”¹⁶ e, para tanto, devemos estabelecer, em sala de aula, novas

¹⁴ Tradução nossa. Original: “los discursos reflejan el orden social establecido, las relaciones de dominación, las injusticias y las opresiones”

¹⁵ Tradução nossa. Original: “textual meaning is understood in the context of social, historic, and power relations, not solely as the product or intention of an author. Further, reading is an act of coming to know the world (as well as the word) and a means to social transformation”.

¹⁶ Tradução nossa. Original: “por esta razón, la educación se encamina para desarrollar la consciencia crítica del lector para que valore si está o no de acuerdo con las representaciones y con la distribución de poder establecidas”

práticas em relação aos textos para mostrar aos estudantes que eles são atores responsáveis por mudanças sociais, deve-se começar a perceber o texto como ferramenta que possibilita a criação de uma sociedade mais justa e para isto necessitamos inferir as possíveis intenções que o autor deixa entrever no texto através de marcas de estilo, escolhas lexicais, gênero discursivo etc., também precisamos identificar o público alvo de um texto, o contexto de escrita, relacioná-lo ao nosso entorno e de que maneira o texto é importante para ele

qualquer escrito está situado: tem um autor por trás, que pode ser individual ou coletivo, e que obrigatoriamente vive em algum lugar do mundo e em uma época, assim sendo obrigatoriamente sua visão da realidade é parcial, enviesada, pessoal. (CASSANY, 2006, p. 91)¹⁷

Os estudos de Daniel Cassany (2006) e Cassany e Castellà (2009) sobre o letramento crítico nos trazem grandes contribuições sobre o tema. O autor (2006, p.87), elabora uma lista de caráter bastante didático sobre quais destrezas um leitor deve executar em uma leitura baseada no Letramento Crítico. Abaixo as adaptamos para a compreensão mais didática do se sustenta neste trabalho.

1. Identificar o gênero discursivo utilizado para veicular o discurso;
2. Reconhecer as atitudes e pontos de vista que adota o autor sobre o que diz;
3. Buscar perceber as intenções e objetivos do autor na construção de seu discurso;
4. Identificar conotações de termos comuns ou incomuns à cultura da comunidade, e intenções ao utilizá-las;
5. Distinguir a diversidade de vozes acionadas ou silenciadas;
6. Avaliar a solidez, a confiabilidade e a validade dos argumentos;
7. Interpretar o contexto de produção e tema dos textos e posicionar-se criticamente sobre eles;
8. Inferir informações sobre o lugar, o momento e as circunstâncias de produção;
9. Inferir sobre os discursos prévios ao atual, causas e circunstâncias que podem estar na origem da construção do discurso em questão;
10. Inferir o perfil do leitor para o qual o discurso é dirigido;

¹⁷ Tradução nossa. Original: "Cualquier escrito está situado: tiene un autor detrás, que puede ser individual o colectivo, y que forzosamente vive en algún lugar del mundo y en una época, por lo que forzosamente su mirada de la realidad es parcial, sesgada, personal".

11. Inferir informações sobre a identidade do autor e as possíveis causas com as quais se identifica.

Não significa, no entanto, que para alcançar o Letramento Crítico deve-se seguir somente essa lista, primeiro porque a tarefa crítica é bastante variável de acordo com os indivíduos, seus contextos, motivações, intenções, conhecimentos prévios, cultura, religião, gênero, raça etc., essas variáveis se relacionam e constroem nossos conhecimentos socioculturais. Esses conhecimentos têm papel imprescindível para o Letramento Crítico, segundo Cassany, “um bom leitor, com certo conhecimento prévio e com controle sobre seu processo de leitura, identifica os indícios que apresenta o texto, gerencia o conhecimento requerido e elabora interpretações coerentes” (2006, p. 113)¹⁸.

Em segundo lugar, o Letramento Crítico é alcançado quando obtemos informações que vão além dos significados proposicionais do discurso. O indivíduo letrado crítico, segundo Cassany (2006, p. 87) “adivinha ou obtém dados”¹⁹ que não estão no texto, mas que podem ser obtidos através de inferências lógicas ou pragmáticas, “a compreensão crítica requer poder fazer muitas inferências” (op. cit. p.92)²⁰ que, por sua vez, só serão recuperadas se tivermos muita cultura relacionada a atividade, “para elaborar uma interpretação crítica é requerido ter um bom conhecimento do tema do texto. Deve-se recuperar tudo o que o escrito não diz”. (op. cit., p. 107)²¹.

Por fim, baseados em Cassany (2006), as tarefas apresentadas visam a serem executadas em sala de aula para acionar desenvolver a capacidade crítica dos leitores, acionando seus conhecimentos socioculturais. Acreditamos que a mescla das destrezas apresentadas podem levar ao desenvolvimento do Letramento Crítico, não importando a faixa etária, classe, raça, gênero etc. respeitando, claro, as peculiaridades de cada indivíduo, suas comunidades e as relações que cada uma estabelece com seus letramentos.

¹⁸ Tradução nossa. Original: “Cualquier escrito está situado: tiene un autor detrás, que puede ser individual o colectivo, y que forzosamente vive en algún lugar del mundo y en una época, por lo que forzosamente su mirada de la realidad es parcial, sesgada, personal”.

¹⁹ Tradução nossa. Original: “adivina u obtiene datos”.

²⁰ Tradução nossa. Original: “a comprensión crítica requiere poder hacer muchas inferencias”.

²¹ Tradução nossa. Original: “para elaborar una interpretación crítica se requiere tener un buen conocimiento del tema del texto. Se tiene que recuperar todo lo que el escrito no dice.”

Comentários Finais

Este artigo não busca apresentar o tema como finalizado ou esgotado, pelo contrário ele pretende-se como uma ferramenta didática com foco em aproximar os professores que trabalham com atividades de leitura em sala de aula e as teorias aqui abordadas, a partir de uma abordagem, sob nosso ponto de vista, menos voltada para os círculos acadêmicos e mais focada para o público que se dedica a criar e desenvolver atividades de leitura em suas prática diária. O principal enfoque do panorama apresentado neste trabalho é oferecer uma introdução ao tema para aqueles que iniciam seu caminho para a compreensão do Letramento Crítico e os campos do saber que o compõe, a partir das conceitualizações abarcadas, que podem e devem ser ampliadas com outros estudos, visamos a propor aos leitores que busquem elaborar suas atividades de leitura sob as premissas do Letramento Crítico e que se proponham a elaborar novas discussões sobre o tema contribuindo para a ampliação das discussões deste campo que, nos tempos atuais em que vemos disseminação de ideologias retrogradadas e informações de cunho duvidosos se mostra cada vez mais importante para desenvolver leituras que se pretendem críticas, questionadoras e transformadoras.

Referências

ABREU-SILVA, Geraldo Emanuel de. As inferências, os conhecimentos socioculturais e o alcance do letramento crítico: a análise das coleções de espanhol (PNLD 2017). 2018. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. La literacidad entendida como práctica social. 2008. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (Org.). Escritura y sociedad: Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red Para El Desarrollo de Las Ciencias Sociales En El Perú, 2004. Cap. 4. p. 109-140. Tradução de Catalina Zapata-Vial.

CASSANY, Daniel. Tras las líneas. Sobre la lectura contemporánea. Barcelona: Anagrama, 2006.

CASSANY, D.; CASTELLÀ, M. Aproximación a la literacidad crítica. Perspectiva, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 353-374, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/VQrzSU>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives, and educational goals of Critical Reading and Critical Literacy. 2001. Disponível em: <<http://www.readingonline.org/articles/cervetti/>> Acesso em: 15 nov. 2016

COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Da decodificação à leitura crítica: por onde transita o livro didático de espanhol? Revista X, vol. 1, p. 59 -77, 2011.

COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Práticas de letramento crítico na formação de professores de línguas estrangeiras. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 12, n. 4, p.911-932, 2012.

GEE, J. P. Oralidad y literacidad: de El pensamiento salvaje a ways with words. In: ZAVALA, V.; NIÑO-MURCIA, M; AMES, P. (Ed.). Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográfica, 2004 [1986]. p. 23-55. Disponível em: <<https://goo.gl/HKgCU0>> Acesso em: 19 jan. 2017.

KLEIMAN, Ângela B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. Linguagem em (dis)curso, Santa Catarina, v. 8, n. 3, p.487-575, set. 2008. Semestral.

LUKE, Allan. Two Takes on the Critical. In: NORTON, Bonny; TOOHEY, Kelleen. Critical Pedagogies and Language Learning. Estados Unidos: Cambridge University Press, 2004. Cap. 2. p. 21-29.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 128 p.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2003. 123 p.

STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. Current Issues in Comparative Education, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, Brian. Literacy in theory and practice. Nova York: Cambridge University Press, 1995 [1984].

ZAVALA, Virginia. La literacidad o lo que la gente hace con la lectura y la escritura: Voces y miradas sobre la lectura. 2008. In: CASSANY, Daniel. Para Ser Letrados. Madrid: Paidós Educador, 2009. Cap. 2. p. 23-35.